

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ANA PAULA LEANDRO GONÇALVES

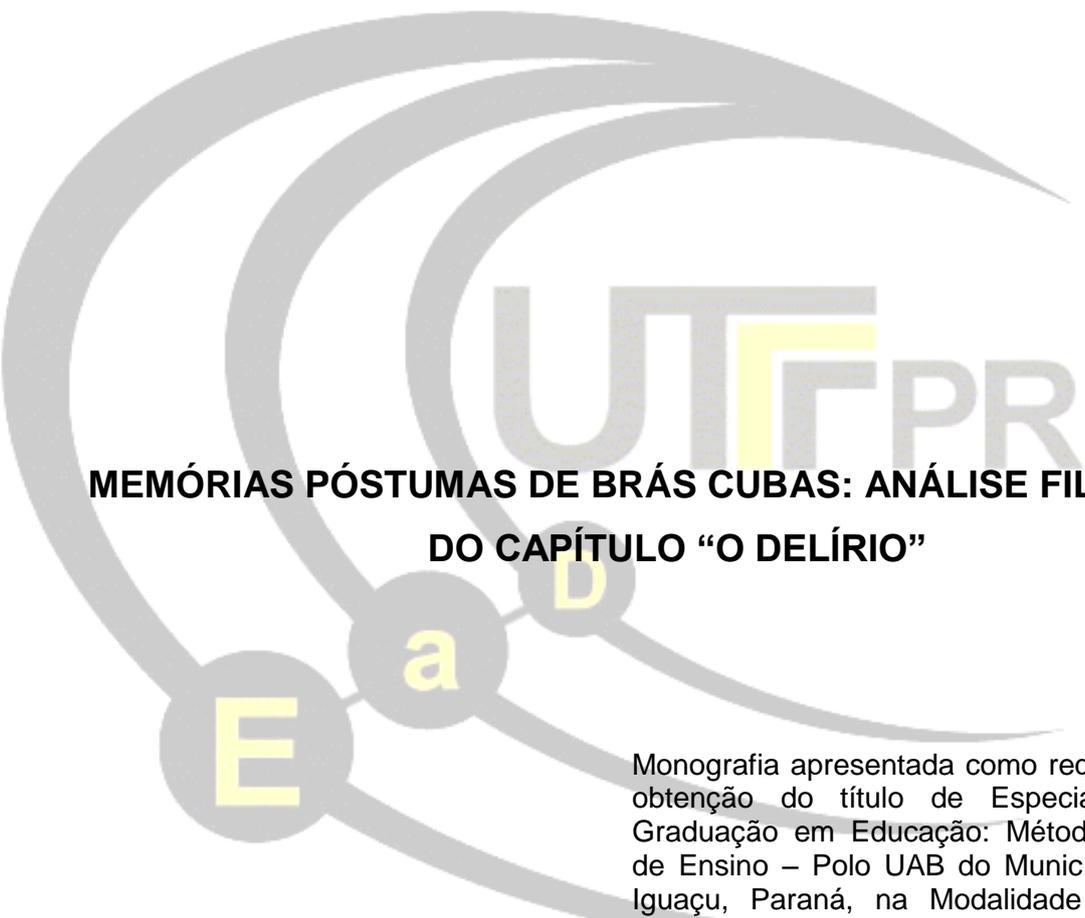
**MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ANÁLISE FILOSÓFICA
DO CAPÍTULO “O DELÍRIO”**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

ANA PAULA LEANDRO GONÇALVES



**MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ANÁLISE FILOSÓFICA
DO CAPÍTULO “O DELÍRIO”**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Paraná, na Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora: Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Memórias Póstumas de Brás Cubas: análise filosófica do capítulo “O delírio”.

Por

Ana Paula Leandro Gonçalves

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... de..... de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Professora Dr. Maria Fatima Menegazzo Nicodem

UTFPR – Câmpus Medianeira

Orientadora

Prof Dr.

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Prof^a. M.Sc.

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Dedico este trabalho a todos os leitores e admiradores das obras de Machado de Assis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus grandes professores que ao longo de meus estudos me despertaram o gosto para variadas leituras e me apresentaram diversos escritores do nosso Brasil.

Agradeço imensamente a minha orientadora professora Dr. Maria Fátima Menegazzo Nicodem pela dedicação, paciência e confiança depositadas na orientação desse trabalho.

Um obrigado especial a Júlia, minha filha amada, que sempre esteve ao meu lado sendo minha fiel companheira. Aos familiares e amigos que se dispuseram a escutar minhas análises, divagações e, muitas vezes, devaneios em torno dessa monografia e mesmo assim mantiveram-se firmes em suas atenções.

Um abraço especial aos meus amigos mais distantes que mesmo sem entender nada do que eu dizia se prontificaram a me ajudar com indicações de artigos e livros sobre o assunto.

Um agradecimento especial a vida, pois sem ela seria impossível realizar tal pesquisa.

“Um dia quando já não houver império britânico, nem república norte-americana, haverá Shakespeare; quando se não falar inglês, falar-se-á Shakespeare.”

Machado de Assis.
Gazeta de Notícias, Abril de 1896.

RESUMO

GONÇALVES, Ana Paula Leandro. Análise do capítulo “O Delírio”, de Memórias Póstumas de Brás Cubas. 2014. 40 páginas. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho tem como temática a análise dos aspectos filosóficas do capítulo VII, da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. O propósito de tal análise é desvelar as pressuposições existentes no delírio de Brás Cubas, desde sua transformação em *Suma Teológica* ao encontro com Pandora, ser mitológico. O capítulo é permeado pela fantasia, com personagens ambivalentes e paradoxais como o hipopótamo e a própria Pandora. Tais personagens, assim como algumas passagens textuais que estabelecem polifonia, são abordados de acordo com sua relevância, de uma forma a tentar esclarecer os implícitos pré-estabelecidos pelo defunto-autor. O estudo visa compreender os aspectos filosóficos e sua relação inter e intratextuais que envolvem a narrativa fazendo do capítulo o mais encantador e enigmático da obra, como também ressalta a importância da obra no contexto histórico-social da época.

Palavras-chave: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Delírio. Pandora. Polifonia.

ABSTRACT

GONÇALVES, Ana Paula Leandro. Análise do capítulo “O Delírio”, de Memórias Póstumas de Brás Cubas. 2014. 40 páginas. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work has as its theme the analysis of the philosophical aspects found at the seventh chapter of *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas* by Machado de Assis. The purpose of such analysis is to uncover existing assumptions in the delirium of Bras Cubas, since its transformation in the *Summa Theologica* until his encounter with Pandora, mythological character. The chapter is permeated by fantasy, with ambivalent and paradoxical characters like the hippo and the Pandora. These characters, such as some textual passages that establish polyphony, are seen according to their relevance, in a way trying to enlighten the implicit pre-established by the deceased-writer. The study aims to understand the inter and intratextual philosophical aspects presented in the narrative of this chapter, not only making it the most charming and enigmatic of the novel, as well as highlight the importance of the work in historical and social context of the time.

Keywords: The Posthumous Memoirs of Bras Cubas, Delirium, Pandora, Polyphony.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO ROMANCE	14
3.1 O REALISMO FANTÁSTICO DE MACHADO DE ASSIS.....	16
3.2 SÍNTESE DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.....	18
3.3 O MITO DE PANDORA.....	20
3.3.1 A esperança da Caixa de Pandora	22
3.4 ASPECTOS FILOSÓFICOS DE ‘O DELÍRIO’	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, especificamente o capítulo intitulado “O delírio”. Através do estudo deste capítulo será abordada a importância que a obra causou no contexto histórico-social, a estrutura, o enredo, a presença da mitologia e os aspectos filosóficos que envolvem a narrativa do capítulo, a polifonia, os conteúdos implícitos que levam a inferir determinadas proposições presentes na obra.

A escolha por analisar o capítulo deve-se ao fato de que a obra é o retrato da estrutura operada pelo homem diante da sociedade e a condição do homem versus a natureza.

Neste livro de memórias, Machado de Assis delega ao defunto-autor Brás Cubas a atitude da denúncia, do riso, da sátira perante uma sociedade obsoleta e de aparências. Tal atitude inovadora assustou uma sociedade que, até então, estava acostumada com narrativas românticas e insossas. Entretanto, a atual análise não se importa com as questões literárias da época, mas com o olhar Machadiano e, conseqüentemente de Brás Cubas, e a capacidade de externar sua crítica social permeada pela condição humana e a natureza.

O defunto-autor inicia seu delírio sendo arrebatado por um hipopótamo que o leva a origem dos séculos, algo visto como peculiar e interessante para o narrador, porém, durante o ápice de seu delírio, Brás Cubas é surpreendido por um encontro com Pandora, que se apresentará como sua mãe e sua inimiga, estabelecendo um paradoxo que se estenderá até o fim do capítulo.

A interpretação da Pandora machadiana é fundamental para o entendimento do capítulo, por conseguinte, da obra em si. Através desse encontro entre homem versus natureza e da figura de Pandora serão expostos todos os flagelos da humanidade, a impassibilidade perante o sofrimento humano, a lei do mais forte, a ganância pelo poder, enfim, todos os males existentes na humanidade.

Analisar uma obra de Machado de Assis é um campo arriscado e ao mesmo tempo coberto por experiências surpreendentes. O livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* é permeado por críticas, ironias, sarcasmos e relações intra e intertextuais que são direcionadas não só à época de sua produção, pois é possível realizar uma análise aprofundada sem desvencilhar da época atual, uma vez que suas obras são consideradas atemporais.

A escolha por analisar apenas um capítulo se faz pelo amplo conhecimento e descobertas que se pode inferir apenas desta parte da obra. Em contrapartida, “O delírio” não se trata de um simples capítulo, trata-se do momento mais espetacular e célebre da obra, fundamental para o entendimento do romance e, também, de uma revolução, um ineditismo na arte narrativa.

Através dessa análise, avalia-se toda a questão ideológica, filosófica, simbólica e representativa dos personagens como a figura onírica do hipopótamo falante até a presença mitológica de Pandora.

O fenômeno de Pandora é analisado de acordo com referências da mitologia grega e pré-helênica e se faz necessário expor

duas concepções opostas do mito de Pandora, algo absolutamente normal e necessário para compreender a presença dessa figura e todo o paradoxo que se faz em torno dela.

É possível realizar uma ampla interpretação da sociedade e o resultado das ações humanas durante o decorrer dos séculos. O capítulo traz uma riqueza de interpretações que se faz justo a uma análise somente dele como forma de expor todas as questões que permearam e que ainda se fazem presentes no desenvolvimento da humanidade.

O estudo tem como objetivo geral analisar o capítulo “O delírio”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ressaltando a importância do episódio perante a obra e a sociedade, analisando ainda fatores implícitos na visão pessimista do autor frente à época vigente. Discute também a presença de Pandora e sua participação, permeadas pelas questões mitológicas e ideológicas no capítulo.

Tem como objetivos específicos concentrar-se em expor o contexto histórico existente no período de produção da obra; realizar uma explicitação da obra em si como revolucionária no que tange ao gênero narrativo e sua estrutura; interpretar a sociedade vigente e expô-la ao contexto do capítulo; aprofundar-se na figura de Pandora e sua questão mitológica para depois analisá-la como personagem na obra e finalizar a análise com a visão exposta pelo defunto-autor e sua concepção dentro de uma percepção niilista de mundo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada de acordo com a metodologia de pesquisa bibliográfica e exploratória, pois é muito difícil, senão raro, realizar qualquer pesquisa sem uma fundamentação teórica. Por isso a bibliografia presente se fez de acordo com estudos sistematizados através de livros, revistas, artigos impressos e em redes eletrônicas.

O termo ‘exploratória’ se deve ao fato haver diversos conhecimentos acumulados e sistematizados sobre o tema e faz com que o pesquisador busque um maior conhecimento sobre o assunto, podendo levantar determinadas hipóteses até a conclusão da pesquisa, além de proporcionar um maior entendimento sobre a temática. Tal pesquisa busca proporcionar maior familiaridade com o problema, podendo envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, “assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso”. (GIL, 2008, p.56).

Apesar de haver inúmeros trabalhos e análises desenvolvidos a respeito de diversas obras de Machado de Assis, é complicado seguir apenas um caminho ou utilizar somente uma visão interpretativa, pois Machado de Assis utiliza tantas relações intertextuais e intratextuais em suas obras que faz com que a pesquisa torne-se rica e passível de várias interpretações, hipóteses e conclusões. Por esse motivo optou-se por uma metodologia bibliográfica e exploratória e o ponto de partida foi a leitura do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, concentrando-se no capítulo “O delírio” para, posteriormente, traçar objetivos e buscas de outras obras e pesquisas realizadas sobre o autor e o capítulo, assim como estudos realizados na área polifônica e mitológica.

3 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO ROMANCE

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (MPBC) pode ser considerado uma das obras melhor elaborada do escritor Machado de Assis no que diz respeito a sua técnica de construção narrativa.

Machado de Assis renovou o romance brasileiro introduzindo em prosa o leitor malicioso, preguiçoso e impaciente que estava acostumado a realizar as leituras do estilo romântico, escola literária vigorante no século XIX.

Publicado no ano de 1881, o romance gerou polêmica entre os membros da sociedade carioca que não estavam habituados ao novo estilo de romance. Numa época onde imperava a linguagem fácil, a leitura de romances “águas com açúcar” dentro do meio literário, ascensão da classe burguesa e a tentativa de inserir as teorias liberais europeias numa sociedade com mão de obra escrava, MPBC surgiu como uma afronta à ética e aos bons costumes. Contudo, foi justamente essa a intenção da obra: confrontar um sistema, até então escravocrata, com idealizações europeias que contradiziam a realidade brasileira.

A obra foi pouco aplaudida pelos críticos, pois raros conseguiram compreender a essência de seu enredo, muito menos da população normal onde o hábito da leitura era uma prática da minoria, inclusive o saber ler. Porém, tal indiferença perante a obra já era prevista por Machado, porque este já tinha a consciência crítica sobre a sociedade em que vivia, tanto que a demonstrou de forma irônica em algumas passagens do romance em que conversa com o leitor.

Machado, através da voz de Cubas, satirizou, ironizou e criticou a chamada sociedade “de aparências”, a qual vivia sob as máscaras sociais de uma teoria perfeita e proveniente de uma prática inexistente. Por essas e outras análises que se pode afirmar a característica atemporal das obras do escritor.

O que difere Machado de outros escritores é a maneira peculiar com a qual escreveu suas obras. A realidade em Machado é antes de tudo, uma realidade que se mascara, sendo necessário desdobrá-la para compreender sua narrativa.

Através do capítulo VII, “O delírio”, far-se-á uma análise sobre o estilo machadiano, os aspectos filosóficos e a polifonia. Características marcantes do escritor.

Alfredo Bosi faz o seguinte comentário sobre a obra:

A revolução dessa obra, que aparece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas. (BOSI, Alfredo, 2006, p.187)

A originalidade machadiana faz parte de sua técnica e revolucionou a literatura nacional. O romance traz uma lógica narrativa inovadora, pois a sequência narrativa do livro não é determinada pela cronologia dos fatos, mas pelas reflexões do personagem. Dessa forma, Brás Cubas realiza várias digressões no decorrer da história, comentando e retomando os assuntos quando lhe convém. Mesmo com os desvios e evasões durante toda a narrativa, a obra mantém-se em uma coerência interna que oferece ao leitor, atento, todas as informações necessárias para o entendimento da obra.

É importante ressaltar que em MPBC, Machado de Assis atribui a autoria a Brás Cubas, portanto, provém ao narrador realizar as críticas recorrentes a classe burguesa brasileira, especialmente a elite carioca, a qual, ironicamente, Brás Cubas fazia parte. Portanto, o escritor Machado de Assis criou um personagem para dar vida a suas críticas sem se envolver intimamente com a história narrada.

Um aspecto relevante a ser descrito se refere ao estilo realista de Machado de Assis, pois apesar da obra ser considerada um divisor de águas entre o Romantismo e o Realismo brasileiro, o escritor utiliza um realismo fantástico permeado pelo maravilhoso, aliás, foi o precursor desse estilo narrativo no Brasil.

Através desse contexto torna-se impossível analisar a obra apenas sob o olhar das características realistas, seria uma leitura superficial, fazendo uma compreensão parcial da obra, pois nela é possível encontrar desde características realistas a modernistas. Por esses motivos se opta por não estabelecer uma relação direta da análise com as escolas literárias. Apesar de o estudo da literatura brasileira estar convencionado cronologicamente através das escolas, a análise presente não se importa com tais classificações. O objetivo é contemplar a obra, em especial o capítulo VII, sob um olhar curioso e motivado por descobertas em meio da intencionalidade narrativa machadiana. Além do mais, é por intermédio de um delírio que Brás Cubas, um defunto-autor, critica irônica e satiricamente a realidade nua e crua de uma sociedade.

Antes, porém, é importante caracterizar o realismo fantástico de Machado e suas vertentes para contextualizar com a obra e buscar um melhor entendimento de algumas passagens. Mesmo que tantos estudiosos já realizaram diversas leituras e análises de Machado de Assis e da própria obra em questão, este é um assunto que atrai a atenção de muitos iniciantes nas leituras de Machado, pois a história do defunto-autor envolve completamente o leitor e o delírio de Brás Cubas atrai através do imaginário, do fantástico e, claro, da curiosidade em saber o que há na origem dos séculos.

Realizar esta análise se faz prazerosa pela diversidade de assuntos que se pode explorar, através de estudiosos renomados, e compreender um pouco mais sobre Machado de Assis, vida e obra, para no fim, descobrir que há muito mais a ser descoberto.

3.1 O REALISMO FANTÁSTICO DE MACHADO DE ASSIS

O gênero fantástico surge entre os séculos XVIII - XIX e atravessou diferentes fases entre estes dois séculos. De acordo com Coalla (1994, apud VOLOBUEFF, 2000, p.111), no final do século XVIII e início do século XIX, o gênero era caracterizado pela presença de monstros e fantasmas e a partir do século XIX, ocorre uma exploração do lado psicológico, destacando a loucura, o pesadelo e, por que não, o delírio nas narrativas. O gênero esteve em constante mudança desde o século XVIII, pois acompanha a mudança dos tempos e da sociedade.

O autor Tzvetam Todorov (2004) elucida que o fantástico trata-se de um gênero literário e sua incursão ao mundo está ligado a um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis racionais. Para contextualizar com a obra, de acordo com o dicionário *Houaiss de Língua portuguesa*, o delírio, entre outros significados, trata-se de um “problema mental orgânico reversível, cujos sintomas são: decréscimo da vigilância, desorientação espaciotemporal, confusão, ilusão, interpretação delirante da realidade, alucinações visuais, auditivas, táteis, etc.”.

Dessa forma surge uma incerteza diante de um fato, a ambiguidade torna-se presente e a dúvida causada no leitor propicia o surgimento do fantástico. Segundo o teórico, o fantástico só existe perante a dúvida e quando o leitor ou o personagem define um esclarecimento para os fatos, o efeito do fantástico desaparece. Porém, o

ponto forte do gênero está na aceitação dos fatos pelo leitor, mesmo que sejam inexplicáveis.

Esta aceitação de um fato inconcebível se faz presente no início do capítulo VII pelo próprio narrador:

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. (MACHADO, 2004, p.22)

O narrador tenta atrair a atenção do leitor para um fato alucinógeno que consegue estabelecer um total domínio a ponto de relatá-lo ao leitor. E vai além, pois ressalta que a ciência o agradecerá por tal triunfo, induzindo o leitor a continuação da leitura e a veracidade dos fatos.

É possível identificar essa confiança do narrador quando surge o hipopótamo:

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino. — Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos. (...) Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. (MACHADO, 2004, p.22)

Mesmo quando a viagem torna-se vertiginosa, ou seja, alucinante, atordoante demais para o personagem, ele se contenta com as explicações não menos enlouquecedoras do animal e fecha os olhos, ação que transmite confiança, deixando-se levar pela jornada.

O universo mágico, apresentado pelo teórico Todorov, é retratado de três maneiras na obra. Primeiro ao lançar um defunto-autor como narrador, segundo, por esse narrador relatar seu próprio delírio, algo considerado impossível por sua natureza inconsciente e, terceiro, a comunicação com um animal falante e um ser mitológico. No delírio, tanto o personagem quanto o leitor experimentam as mesmas curiosidades em relação ao destino anunciado.

O capítulo VII é permeado por uma realidade fantástica que o torna rico, encantador e enigmático. O grande estudioso Schwartz (1982) relata que “o

elemento extraordinário não se limita apenas a uma experiência de leitura prazerosa para efeitos de distração do leitor, mas assume uma função eminentemente crítica”. O delírio é um misto dos elementos fantásticos com a realidade e da mistura da razão com a loucura, pois é através da insanidade consciente que o narrador revela o lado obscuro e cruel da humanidade, a verdade camuflada e inflada de um povo que tudo faz em busca, ironicamente, da felicidade. Brás Cubas é levado a descobrir o que estava diante de seus olhos, mas que não conseguira reparar enquanto vivera.

Pode-se concluir que o realismo fantástico presente através do fenômeno vivenciado pelo personagem é fundamental para compreensão da crítica estabelecida no contexto. O exagero é criado propositalmente a fim de atrair a atenção do leitor para uma questão social existente. Em MPBC a questão social é justificável através das críticas que o defunto-autor faz à formação sociocultural brasileira.

3.2 SÍNTESE DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

O romance inicia com a primeira surpresa em sua dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (MACHADO, 2004). Uma das inovações da obra consiste em atribuir o domínio da narrativa a um personagem morto, ou seja, trata-se de um personagem, Brás Cubas, que, após sua morte, resolve escrever suas memórias póstumas.

Após um prefácio ao leitor, o primeiro capítulo já anuncia o óbito do autor e assim inicia o romance: com o dia, mês e ano de sua morte, bem como sua causa: uma pneumonia. Os capítulos seguintes retornam as ideias de Brás, como o emplasto Brás Cubas até o retorno a infância.

Como já anunciado, a obra não obedece a uma forma inteiramente linear, pois o autor distribui os capítulos em fragmentos acompanhados de digressões.

No capítulo VII o narrador relata o delírio que o acometeu momentos antes de sua morte, fato que aconteceu perante a presença de Virgília e seu filho. A partir do capítulo IX, “Transição”, inicia propriamente suas memórias.

Brás Cubas teve uma infância ostentada por futilidades, mimos e hostilidades aos escravos que mantinham em casa, para tanto fora apelidado de “menino diabo” (MACHADO, 2004, p.32).

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, uma linda espanhola amiga de dinheiro e rapazes. Após dispor de uma pequena fortuna da família em presentes a Marcela, Brás é enviado por seu pai para estudar Direito em Coimbra, que a esta altura já havia se indignado pelos excessos de caprichos do filho. Durante sua estadia pela cidade portuguesa conquista o título de “folião”, “dado as aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico” (MACHADO, 2004, p.55).

Retorna ao Rio de Janeiro por conta da morte de sua mãe, relaciona-se com uma moça, de família pobre e “coxa de nascença” (MACHADO, 2004, p.73), chamada Eugênia. Porém, o pai de Cubas, arranja um casamento de interesses políticas com Virgília, filha do Conselheiro Dutra, mas por ironia do destino Virgília resolve se casar com Lobo Neves que julga ter uma carreira política mais promissora. Quando Brás e Virgília se reencontram, iniciam um relacionamento extraconjugal. Diante da desconfiança da sociedade, resolvem buscar um lugar mais seguro. Sendo assim, Brás oferece a Dona Plácida a quantia de cinco contos de réis, dinheiro que encontrou na rua, para assumir-se como moradora de uma residência e manter-se cúmplice de seus encontros. Aceita a proposta, Brás e Virgília, iniciam suas escapadas amorosas. Durante esse período surge uma gravidez, mas Virgília perde o bebê. Entre anseios, desentendimentos e promessas de amor, a amante decide partir junto ao marido para o Norte, onde Lobo Neves é nomeado presidente de uma província.

Brás reencontra um velho amigo de infância, Quincas Borbas, que lhe rouba o relógio e tempos depois lhe envia uma carta restituindo-lhe com um novo e apresentando uma teoria filosófica chamada “Humanitismo”, cuja doutrina proclamava a retificação do espírito humano, supressão da dor e encontro com a felicidade. Brás desperta um grande interesse pela teoria.

Sozinho e longe de Virgília Brás é apelado por sua irmã para casar-se com Nhã-lolá, todavia a moça é acometida por uma febre amarela e morre antes que pudesse haver o matrimônio.

Reencontra sua amada Virgília anos depois em um dos tradicionais bailes da classe burguesa, mesmo com o passar dos anos, Virgília ainda estava magnífica aos olhos de Cubas.

Aos poucos todos vão morrendo todos: Lobo Neves, Quincas Borbas, Dona Plácida e Marcela. Em sua vida, Brás só obteve fracassos. Não conseguiu ser ministro e não obteve êxito em fundar um jornal de oposição.

Morre aos 64 anos vítima de uma pneumonia que apanhou em uma de suas saídas em busca de aperfeiçoar seu emplasto. Ironicamente, morre em busca da cura hipocondríaca com o emplasto Brás Cuba, sendo sua última tentativa de obter reconhecimento. Não casou e não teve filhos. Não transmitiu “a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (MACHADO, 2004, p. 212).

3.3 O MITO DE PANDORA

A versão mais conhecida do mito de Pandora, imprescindível para a compreensão do encontro com no capítulo VII, está relacionada ao mito de Prometeu e é relatada nos renomados poemas de Hesíodo, *Teogonia*, e mais tarde retomada na obra *Os trabalhos e os dias*, porém há várias origens do mito, principalmente no que tange suas vertentes.

De acordo com Hesíodo (séc. VIII a.C.) o titã Prometeu (aquele que prevê) era o protetor dos homens e mantinha um relacionamento nada amigável com Zeus, o pai dos deuses. Segundo a obra *Teogonia* (versos 507 a 616) para acabar com os conflitos entre mortais e imortais é realizado um banquete com oferendas a Zeus. Prometeu, como artimanha, divide um boi em duas partes. Em uma porção mantém as carnes e as entranhas cobertas pelo couro do animal e em outra apenas os ossos cobertos pela gordura do boi. Zeus, obviamente, opta pela parte coberta pela gordura e é tomado pelo ódio ao descobrir que só ossos há embaixo. Irado, o deus dos deuses, castiga os homens negando-lhes o acesso ao fogo, que nesta narrativa é retratado simbolicamente como a inteligência humana. Mas Prometeu decide desafiar o grandioso deus roubando-lhe uma centelha do fogo que estava sob o domínio dos deuses do Olimpo e entrega aos homens. Como vingança Prometeu é acorrentado a uma rocha onde uma águia come-lhe o fígado durante o dia, à noite o órgão regenera-se para ser devorado novamente dia após dia.

O ódio não acaba por aí, pois a vingança continua até o encontro com os humanos. Zeus ordena aos deuses que criem uma belíssima mulher, a primeira da humanidade, e que a ela seja atribuídas várias qualidades. Dessa forma, Hefesto a

modela em argila e dá-lhe a vida. A linda mulher recebe todas as qualidades dos deuses e, então, Hermes a chama de Pandora.

Após a criação, Pandora é enviada a Epimeteu (aquele que pensa depois, irmão de Prometeu) como presente dos deuses, este não resiste aos seus encantos e a toma como esposa, mesmo sendo alertado por seu irmão a não receber nenhum presente do Olimpo.

No poema de Hesíodo, Pandora leva um jarro como presente de núpcias do deus do Olimpo e é alertada a não abri-lo. Entretanto, tomada por uma imensa curiosidade, abre a tampa do jarro e assim espalha todos os males, calamidades e desgraças sobre a humanidade. Quando o fecha subitamente, mantém um único elemento no fundo: a esperança.

Perante essa versão do mito, a esperança é analisada como um alento, uma superação do sofrimento humano, pois em meio a tantas desgraças resta a esperança como salvação. É desta versão que surge a expressão “Caixa de Pandora” que é dita quando algo muito interessante pode despertar a curiosidade e que tal ato pode desencadear uma avalanche de repercussões negativas.

É possível encontrar outras versões na mitologia sobre a criação de Pandora e sua história, como no livro intitulado *A caixa de Pandora - As transformações de um símbolo mítico*, de Dora Panofsky e Erwin Panofsky. Os autores realizaram uma importante análise sobre a Pandora na tradição medieval e constatam uma versão totalmente oposta ao poema de Hesíodo na qual relatam que dois escritores, Bábrio, e um menos renomado, Macedônio, o Cônsul, afirmam que o recipiente de Pandora havia apenas bens e não males e que ao ser aberto os bens retornaram a morada dos deuses, restando apenas a esperança. Tal recipiente é descrito como *píthos*, um vaso de barro muito grande, que era utilizado para guardar alimentos sendo possível ser utilizado como sepultura ou abrigo, portanto, não se trata de um objeto que pudesse ser carregado e sim um utensílio pertencente ao casal. Consta também na análise de Dora e Erwin (2009) que o filósofo Filodemo de Gádara (110 a.C) fala que o ato de destampar o vaso seja do marido e a curiosidade é algo implícito. Portanto, pode-se inferir que a culpa de espalhar os males na humanidade não é da mulher, uma análise que se opõem totalmente a de Hesíodo. Pode-se ressaltar também que dentro da filosofia pagã, Pandora não é malévola, é fonte de vida e natureza, de força e dignidade.

Conforme se percebe, o tema sobre Pandora é extremamente extenso, tanto que o assunto é digno de uma pesquisa especial sobre ela, e a intenção de apresentar essas duas versões sobre o mito serve para contextualizar a Pandora de Machado de Assis que será apresentada mais adiante. Antes, porém, será analisado um elemento importante desse mito: a esperança que ficou presa no fundo do recipiente.

Vale ressaltar que ao longo das análises realizadas em torno do mito há algumas alterações quanto a forma de se referir ao recipiente como relatos se referindo a vaso, jarra ou caixa. Em MPBC, Machado de Assis utiliza a palavra “bolsa” e pode ser analisada com outro olhar: um símbolo modernista, por exemplo.

3.3.1 A ESPERANÇA DA CAIXA DE PANDORA

Existem algumas interpretações sobre a esperança, o único bem que ficou retido no jarro de Pandora, entre tantos há uma interpretação estoica muito interessante que sugere ser a esperança nada mais do que outro mal contido no recipiente. Para melhor expor esse ponto de vista foi realizada a leitura de dois artigos da Revista Filosofia intitulados *A sólida FELICIDADE ESTOICA para uma MODERNIDADE LÍQUIDA*, de autoria de Alexey Dodsworth Magnavita e *A origem da FRUSTAÇÃO* por Patrícia Pereira.

De acordo com Patrícia Pereira alguns pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles trataram a expectativa como sinônimo da esperança, pois *exspectatio*, do latim, quer dizer esperança. Tais pensadores objetivavam a felicidade como meta de vida e para tanto era necessário ter ações comedidas já que a expectativa gerava um olhar para o futuro com ansiedade e para ser feliz era preciso estar livre de perturbações. O filósofo Sêneca foi um grande pensador dessa condição. Para ele o perigo se encontrava no deixar de viver o hoje por conta dos pensamentos e esperar demais o amanhã, tornando assim, uma pessoa com expectativas um ser inquieto e impaciente.

De acordo com Jorge Luis Gutiérrez, (apud Patrícia Pereira, p. 70) professor do curso de Filosofia do Mackenzie, em artigo na revista Filosofia: “Sêneca foi o autor de uma frase muito conhecida sobre deixar de viver o hoje pela expectativa do amanhã. Na sua obra *De Brevitate Vitae*, ele diz que ‘o que mais impede de viver é a

expectativa, a qual, como esta pendente do amanhã perde o hoje'. Para logo aconselhar *pronitus vive*, que podemos traduzir por *vive agora*, já (que é muito similar ao *carpe diem* de Horácio).”

A expectativa que Sêneca se refere é uma esperança incômoda e impaciente, fazendo com que as pessoas deixem de viver o hoje por causa do amanhã. É através dessa visão que analisa a esperança mantida no jarro de Pandora outro mal para a humanidade, pois deixar a esperança trancada é uma forma de manter as mentes atormentadas.

E como é possível relacionar a esperança do jarro de Pandora e a teoria de Sêneca ao delírio de Brás Cubas e que suposições se pode inferir?

A maior relação que se pode estabelecer nessas teorias é que a sociedade ocidental, tão criticada no decorrer de toda a obra, sofreu uma transformação cultural e de valores. A busca por uma felicidade fácil e sem medidas faz com que o ser humano deixe de se preocupar com o próximo e até com si mesmo. Essa busca desenfreada ocasiona o chamado vazio existencial e Brás Cubas ao encontrar-se com Pandora realiza um retorno a uma época para poder compreender o egocentrismo humano e os males modernos, que, aliás, não tem nada de moderno, pois são condições existenciais atemporais que o homem adquiriu em sua ânsia de ser feliz custe o que custar.

Portanto, Pandora, com toda sua imponência, mãe e inimiga, vida e morte, surge para confrontar o homem, representado por Brás Cubas, a fim de lhe mostrar todas as mazelas existentes na humanidade onde os maiores vilões foram e são os próprios homens e suas atitudes.

3.4 ASPECTOS FILOSÓFICOS DE ‘O DELÍRIO’

Os aspectos filosóficos encontram-se no decorrer de quase todo o capítulo e são abordados pelo autor de uma maneira singular e só percebidos e compreendidos se os leitores atentarem-se fielmente ao texto. Atrás de tais aspectos sempre está a condição humana no mundo concreto. Observe que Brás Cubas utiliza-se de um delírio para mostrar uma realidade existencial do ser humano.

Brás Cubas inicia o capítulo vangloriando-se por ser o primeiro a descrever seu próprio delírio e dialoga com o leitor sobre a importância de realizar tal leitura.

Mesmo aparentando tratar o episódio com desprezo, utiliza um elemento coesivo de oposição “**mas**” para despertar o interesse do leitor em proceder com a leitura:

Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. (MACHADO, 2004, p.22. Grifo nosso).

Em seguida inicia sua trajetória delirante descrevendo as transformações pelas quais passou até retornar a condição humana e cavalgar em um hipopótamo que o leva a origem dos séculos. Ao chegar ao destino anunciado pelo animal, Brás depara-se com Pandora, figura mitológica, que se apresenta como mãe e inimiga.

A partir deste encontro é possível refletir sobre as ações e condições humanas, pois o capítulo é permeado por inferências e polifonias que fazem dele a passagem mais intrigante e fantástica da obra, tornando-a passível de várias análises. Sendo assim, inicia-se a análise sobre os aspectos filosóficos do capítulo VII.

O delírio de Brás ocorre pouco antes de sua morte e sob a presença de Virgília e seu filho. O fenômeno delirante começa quando o personagem se vê na “figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim” (MACHADO, 2004 p. 22) e logo em seguida se transforma na *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino:

Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de São Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; (MACHADO, 2004, p.22).

É relevante parar por um instante e refletir sobre essa transformação. A começar pela citação da obra *Suma Teológica*, pois a obra é totalmente permeada por preceitos religiosos, uma vez que Tomás de Aquino foi um filósofo italiano e santo da Igreja Católica e seu livro, *Suma Teológica*, baseia-se em vários raciocínios sobre princípios religiosos. A obra é dividida em 3 partes onde há mais de 500 questões que representam mais de 2600 capítulos sobre a natureza de Deus, de Jesus e de questões morais. É considerada uma leitura imprescindível a todos os religiosos e não religiosos que queiram entender sobre os preceitos cristãos.

Para nível de conhecimento faz-se um breve relato sobre a obra.

Fundamentada em questionamentos religiosos a obra é considerada revolucionária, atraindo cristãos e não cristãos, pois o filósofo Tomás de Aquino a escreveu de forma independente e esclareceu divergências e convergências entre a razão e a fé, fator referencial em toda a obra. Teve influências de Agostinho e, principalmente, Aristóteles, inclusive, supera Aristóteles no que diz respeito ao número de palavras. A *Suma Teológica* conta com 1,5 milhões de palavras a 1 milhão de Aristóteles.

São Tomás utiliza-se da filosofia para inferir, racionalmente, a presença de Deus. Tal presença não é questionada em sua obra, na verdade, a presença de Deus é esclarecida através de cinco vias que são exploradas em seu livro. Concebe que algumas verdades sobre Deus podem ser expostas através da razão:

(...) partindo das coisas sensíveis, o nosso intelecto é levado ao conhecimento divino de modo a conhecer que Deus é, ao conhecimento de outras realidades que possam ser atribuídas ao mesmo princípio. Há portanto alguns atributos inteligíveis de Deus acessíveis à razão humana. (AQUINO, séc. XIII/1990, p.22).

Avalia, dessa forma, a existência de Deus através da razão sem a fé, mas também mostra em sua obra que para algumas verdades sobre Deus não basta somente a razão, é preciso haver a revelação e esta está entrelaçada com a fé.

No livro *Suma Teológica*, Tomás de Aquino analisa o fim e através dessa análise estabelece que o fim seja o bem de cada coisa porque é a realização plena de sua natureza, segundo o propósito do filósofo. (AQUINO, séc.XIII/1990, p.724) É por meio desse pensamento que surge alguns provérbios, como por exemplo: “você colhe o que você planta”.

Toda a obra está relacionada à doutrina cristã, a natureza, ao homem e suas atitudes, a relação entre o intelecto humano e a vontade. Resultado de suas ações. É nesse pensamento que tal citação a *Suma Teológica* faz sentido no capítulo, pois Pandora revela a Brás Cuba toda a calamidade que se passa no decorrer dos séculos. Leva-o ao início e mostra-lhe o fim e qual o resultado da ação? Brás Cubas fica horrorizado com o que vê e, dessa forma, a teoria de Tomás de Aquino ganha força, porque o fim é o resultado dos meios, assim como o fim do personagem Brás Cubas.

Além dessa análise, há outras possibilidades de interpretar essa transformação e uma delas totalmente irônica, porque se tratando de Machado de Assis tudo é possível, a começar por um defunto-autor.

A presença da ironia é caracterizada pela prepotência do narrador em transformar-se em uma obra cujo conteúdo foi (e continua) repetido por cristãos de diversos lugares do mundo, fato que a tornou referência no catolicismo e uma das principais obras filosóficas da escolástica. Então, estaria Cubas se redimindo de seus pecados ao transformar-se em tal obra ou apenas se sobrepondo soberano e sagrado perante os demais? Talvez a ironia e o sarcasmo estejam mais evidentes nesta obra e as inferências religiosas estão expostas através de críticas tão bem colocadas que é notório uma leitura apurada para identificá-las em sua intencionalidade. Um exemplo é a caracterização do livro como “encadernado em marroquim, com fecho de pratas e estampas” (MACHADO, 2004, p.22), o autor acrescenta que esta forma resultou a seu corpo “a mais completa imobilidade” (MACHADO, 2004, p.22) que pode ser interpretado como certas amarras religiosas, pois onde há dogma, de certa forma, há repressão. E o delírio, em sua essência, pode ser uma ação contrária e essas amarras, uma vez que, ao delirar é possível haver essa liberdade de expressão.

Outra análise interessante está em imaginar sua posição, deitado em seu leito com as mãos cruzadas em seu ventre, trás a tona a imagem de um morto sendo velado, porém esta posição é logo desfeita por Vírgilia que esteve presente durante todo o delírio, uma vez que a interpreta como uma posição de defunto. Entretanto, Brás estaria prevendo sua morte? Esta análise é aceitável visto que sua morte ocorre pouco depois do delírio.

Ao retornar à forma humana depara-se com um hipopótamo que o carrega a um local até então desconhecido, porém o animal fala que irão à origem dos séculos. Observe esse encontro no trecho abaixo:

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino. (MACHADO, 2004, p.22).

A imagem do hipopótamo que fala e voa pode parecer estranha, mas tratando-se de um delírio torna-se natural. A palavra hipopótamo tem origem grega,

e significa “cavalo de rio” (*hippos* quer dizer cavalo e *potamos* significa rio). Há também um sentido simbólico que no antigo Egito o hipopótamo macho simbolizava as forças negativas que existiam nesse mundo, tal como a brutalidade e a injustiça. Já o hipopótamo fêmea personificava a grande mãe, era símbolo de fertilidade e considerada a protetora das mulheres. No Antigo Testamento simboliza a força bruta que somente Deus é capaz de domesticar. A figura do hipopótamo é tão paradoxo quanto Pandora, mãe e inimiga, e despertam um fascínio permeado pela curiosidade e espanto.

No capítulo não há relato se o hipopótamo é macho ou fêmea para poder fazer uma alusão aos sentidos descritos acima, entretanto, pode referir-se ao Antigo Testamento sendo que o animal fala, voa e sabe se orientar. Seria então domesticado por Deus? Ou melhor, enviado por Deus para que este encaminhasse Brás Cubas a origem dos séculos? Essa alusão se faz presente quando Brás pergunta ao hipopótamo, ao perceber que o bicho falava, “se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão” (MACHADO, 2004, p.23) remetendo a elementos intertextuais como a mitologia grega presente na obra *Ilíada* de Homero e ao profeta Balaão em uma passagem bíblica. De acordo com a epopeia *Ilíada* (1960), dois cavalos imortais foram presenteados a Aquiles por sua mãe, Tetis, sendo que Xanto tinha galopes rapidíssimos, além do poder da fala. Durante uma ocasião dialoga com Aquiles alertando-o sobre sua morte:

Com voz terrível, Aquiles fala aos cavalos paternos: ‘Xanto e Balio, notáveis rebentos da harpia Podargo, por modo bem diferente cuidai de trazer vosso auriga para as fileiras dos Dânaos, depois de saciado de lutas. Não aconteça eu ficar, como Pátroclo, morto no campo’. Xanto, de rápidos pés lhe responde, do jogo onde estava, com a cabeça inclinada, pendendo-lhe da alva coleira a bela crina tratada, que vinha tocar no chão duro. Hera, de cândidos braços, o fêz dêste modo expressar-se: ‘Hoje, impetuoso Pelida, serás por nós salvo, sem dúvida; mas já tens próximo o dia em que deves morrer; não nos culpes, que nisso a culpa será de um deus forte e da Moira impiedosa. Se os bravos Teucros as armas tiraram dos ombros de Pátroclo, não foi por causa de nossa preguiça ou porque demorássemos; o deus possante, nascido de Leto de belos cabelos, bem na dianteira da vida o privou, glória a Heitor aprestando. Nós mais velozes seremos, por certo, que o sôpro de Zéfiro, que é o mais ligeiro de todos os ventos, se diz. Mas é fôrça que venham breve tirar-te a existência um dos deuses e um homem’. As poderosas Eríneas da voz, depois disso, o privaram.

Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamente: ‘Xanto, por que me predizes a morte? Não deves fazê-lo. Sei meu destino qual é, perecer aqui mesmo, distante do pai querido e de Tétis. Contudo,

só penso em deter-me em meio à pugna, após ter anulado o vigor dos troianos’.

Tendo dito isso, lançou para frente os fogosos ginetes. (HOMERO, 1960, p. 399-424).

O cavalo Xanto, iluminado pela deusa Hera, prevê a morte do herói, mas após a revelação é privado da voz pelas Eríneas. O cavalo, sendo filho de Zéfiro, também era um mensageiro dos deuses aos homens. Fato parecido acontece com a asna de Balaão, porém a história faz parte de uma passagem bíblica e com a diferença que a asna não possuía o dom da fala, mas ao visualizar um anjo, empaca e adquire a fala para transmitir uma mensagem de intercessão à Balaão, que se dirigia a Israel com a intenção de amaldiçoar a terra israelita. Após essa conversão o profeta Balaão passa a abençoar o povo de Israel:

[...] A jumenta, ao vê-lo, deitou-se debaixo de Balaão, o qual encolerizado, a fustigava mais fortemente com o seu bastão. Então o Senhor abriu a boca da jumenta, que disse a Balaão: “Que te fiz eu? Por que me bateste já três vezes?” – “Porque zombaste de mim, respondeu ele. Ah, se eu tivesse uma espada na mão! Ter-te-ia já matado!” A jumenta replicou: “Acaso não sou eu a tua jumenta, a qual montaste até o dia de hoje? Tenho eu porventura o costume de proceder assim contigo?” – “Não”, respondeu ele.

Então o Senhor abriu os olhos de Balaão, e êle viu o anjo do Senhor que estava no caminho com a espada desembainhada na mão. Inclinou-se e prostrou-se com a face por terra. “Por que, disse-lhe o anjo do Senhor, feriste três vezes a tua jumenta? Eu vim opor-me a ti, porque segues um caminho que te leva ao precipício. Vendo-me, a tua jumenta desviou-se por três vezes diante de mim. Se ela não o tivesse feito, ter-te-ia já matado, e ela ficaria viva.” Balaão disse ao anjo do Senhor: “Pequei. Eu não sabia que estavas postado no caminho para deter-me. Se minha viagem te desagrade, voltarei.” – “Segue esses homens, respondeu-lhe o anjo do Senhor, mas cuida de só proferir as palavras que eu te disser.” E Balaão partiu com os chefes de Balac. (BÍBLIA, 1969, p. 27- 35).

Observe que os dois animais são personagens importantes em suas representações históricas. Tanto na cultura grega quanto na hebraica são iluminados por deuses para transmitir mensagens aos humanos. Já o hipopótamo de Brás nada tem de divindade, responde sua pergunta apenas abanando suas orelhas. Algo que pode ser interpretado como um riso irônico perante a prepotência da pergunta.

O personagem se deixa levar pela viagem com um misto de confiança e curiosidade:

Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava e origem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma coisa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos, tudo isso reflexões de um cérebro enfermo. (MACHADO, 2004, página 23).

A curiosidade faz parte do ser humano, é algo instintivo, é a capacidade de buscar o conhecimento, a investigação e a exploração, porém se não utilizada com cautela pode tornar-se uma “caixa de Pandora”. Nesta passagem a confiança que o personagem deposita na figura onírica do hipopótamo representa uma característica do gênero fantástico como já foi abordado anteriormente. Expor essa confiança é uma maneira de envolver o leitor a crer no fato narrado.

Continuando a estranha direção que o animal seguia, a curiosidade do personagem surge agora ao querer saber onde se encontra a origem dos séculos e compara tal lugar com a origem do Nilo, pois desde a antiguidade a origem do rio Nilo despertava a curiosidade dos homens. Várias expedições tentaram sem sucesso encontrar sua cabeceira, mas todos em vão. O imperador Julio Cesar chegou a mencionar que se pudesse falar com os deuses pediria o local de sua nascente. Dessa forma, o rio Nilo tornou-se um mistério e só foi desbravado em torno de 1858.

Outro fato que se pode inferir sobre a citação do rio Nilo está relacionado a etimologia da palavra *hipopótamo*, pois de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a origem da palavra é “*cavalo de rio, esp. do Nilo*”, pois o animal adora permanecer em águas doces e devido sua ferocidade foi considerado um dos maiores obstáculos para a navegação dos antigos egípcios no rio Nilo. Portanto, trata-se de um animal que impõe força e rigor e, dessa forma, transfere ao personagem e ao leitor a sensação de confiança e domínio da situação.

Brás Cubas segue o destino de olhos fechados, não se preocupa para onde vai, deixa-se levar pelo animal até o momento em que sente entrar numa região gelada, então abre os olhos e pergunta:

- Onde estamos?
- Já passamos o Edén.
- Bem; paremos na tenda de Abraão.
- Mas se nós caminhamos para trás! redarguiu motejando a minha cavalgada. (MACHADO, 2004, p.23).

Realizar uma leitura de qualquer obra de Machado de Assis requer ao leitor um olhar atento para compreender conteúdos implícitos e estabelecer relações intertextuais, além de exigir determinada competência linguística. No trecho acima há as citações: ao Edén e a tenda de Abraão, os dois relacionados ao texto bíblico. O jardim do Éden é conhecido por suas árvores e vegetações luxuriantes plantadas por Deus e ocupadas por Adão e Eva. O significado de seu nome, “Éden”, é incerto em hebraico, porém alguns estudiosos assimilam a palavra com a derivação de “deleite” ou “prazer”. Assim é encontrado no *Dicionário da Bíblia: as pessoas e os lugares* como um “local ideal de deleite, ou paraíso”. Em Gênesis 2-3, “o jardim do Éden tem em seu centro a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) um lugar criado por Deus”.

Como é possível perceber, a aventura do personagem ultrapassa alguns momentos históricos e sagrados para muitos cristãos e apenas o grande Brás Cubas teve a sorte de vivenciá-los. Entretanto não pode sequer parar na tenda do Abraão, o “mais antigo personagem bíblico a ser delineado com clareza suficiente para ser citado, numa extensão limitada, na história mundial” (METZGER, 2002, p. 02). Para Bíblia Abraão foi um pastor, embora seja possível que tenha sido mercador de caravana. É conhecido como “pai de todas as nações”, “modelo de fé” e “fiador da sobrevivência de Israel” (METZGER, 2002, p. 03). De uma forma resumida, a história diz que Abraão recebeu um chamado de Deus para seguir um caminho, abrindo mão de todos os bens materiais, para criar uma grande nação.

O animal segue seu percurso até que para e Brás nada vê, “além da imensa brancura da neve”. “O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro” e eis que surge um vulto imenso, a figura de uma mulher que o encarou:

Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

- Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga (MACHADO, 2004, p.24).

Neste momento retornemos ao mito de Pandora onde se estabelece suas várias faces. Ao se apresentar como Natureza ou Pandora, mãe e inimiga, o ser

mitológico apresenta duas versões da mitologia, entre elas, uma visão politeísta na qual Pandora é mãe e natureza e outra monoteísta em que é vista como inimiga e culpada por disseminar todos os males a humanidade. A Pandora que se apresenta ao nosso defunto-autor é assustadoramente intimidadora e indiferente.

Pandora ao observar que sua imagem causa-lhe espanto, diz:

- Não te assustes, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives; não quero outro flagelo.
- Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.
- Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver. (MACHADO, 2004, p.24).

Para Pandora o flagelo de viver é continuar vivo. Eis sua intenção. Sua fala é repleta de contradições irônicas como provar o pão da dor e o vinho da miséria estabelecendo uma ligação com o pão e vinho de Cristo. Brás pode ser encarado como a representação de uma humanidade em migalhas que, devido à cobiça, a inveja, o poder, entra em colapso e agora está destinado ao acerto de contas com aquela que lhe ofereceu a oportunidade de viver. A entidade refere-se a Brás como um parasita que ao obter um momento de lucidez em meio ao seu delírio suplicará pela vida. Esse momento de fato acontecerá.

O delírio continua com a descrição do rosto de Pandora/Natureza:

Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito dos seres. (MACHADO, 2004, p.24).

Ao contemplar seu rosto Brás Cubas a caracteriza como a “eterna surdez”, aquela que nada ouve, impassível de expressão. A natureza não responde aos anseios humanos, pois não há transformação. Em seguida, Brás Cubas recusa-se a entendê-la, que é absurda, não passa de uma fábula e atribui a figura como resultado de seu delírio, “uma concepção de alienado” (MACHADO, 2004, p.25). Essa é a forma de estabelecer o limite da razão e do devaneio, sendo um delírio, é natural que se recuse a aceitar essa natureza que está diante de si acusando-se de

ser um demente. Questiona essa natureza ao dizer “a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?” (MACHADO, 2004, p.25). Para Brás Cubas, mãe é aquela que dá a vida e inimiga é aquela que a ameaça. Aos seus olhos Pandora surgia como um paradoxo inconcebível. Aquela que acolhe e ao mesmo tempo destrói. Na visão de Brás Cubas existe somente a mãe Natureza, entretanto a criatura logo responde que carrega em sua bolsa “os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens” (MACHADO, 2004, p.25)..

A Pandora que se apresenta no delírio é sarcástica, é forte, é vida, mas também é morte, “Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada” (MACHADO, 2004, p.25). Nesse momento Brás sente como se o fim se aproximasse.

O interessante é que Pandora não traz um jarro, vaso ou caixa de acordo com alguns mitos, mas uma bolsa. Conforme foi visto no mito de Pandora, esse objeto simbólico pode ser interpretado de várias formas. Em *Ilíada*, de Homero, surge com uma jarra ou um vaso com dois lados. Esse objeto foi caracterizado como um vaso grande onde pudesse guardar grãos, ao tornar-se cheio simbolizava o esforço da família e sua condição humana. Sendo a mulher a figura que alimentava, ela que abria o vaso para alimentar sua família. Observe que mesmo um jarro ou caixa quem os abre é a figura de uma mulher. Bom, primeiramente, pode-se fazer uma aproximação com a história de Eva, da Gênese, que é alertada por Deus a não comer o fruto proibido assim como Pandora a não abrir a caixa. Em ambos os mitos há a presença feminina e a curiosidade como a atitude que impulsiona o ser humano. A expressão bolsa de Pandora pode ser analisada como um objeto feminino e se pode atribuir tal objeto ao contexto histórico da sociedade da época, uma vez que as mulheres do romance MPBC ora são muito fracas ora muito ambiciosas e nunca retratadas como uma dama de valores inquestionáveis e de postura correta. Utilizar a palavra “bolsa” pode ser apenas uma modernização do mito, mas com a mesma simbologia.

E quanto a esperança? Esta pode ser analisada como um bem à humanidade? Seria mesmo um consolo? Essas questões serão mais bem esclarecidas adiante.

Retornando ao capítulo, Brás Cubas ao escutar que estava prestes a devolver o que a havia emprestado a Pandora sente uma decomposição súbita do corpo e neste momento suplica por mais alguns anos de vida, conforme ela já havia previsto. E Pandora, mais uma vez irredutível, responde:

- Podre minuto! Exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da Terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota? (MACHADO, 2004, p.25).

Brás angustiado e temeroso da morte tenta persuadir Pandora com o argumento de que a vida que tens foi ela que proporcionou e que ao retirá-la estaria matando a si mesma. Para ele não há importância em devorar e ser devorado, em fartar-se do espetáculo da vida, pois anseia apenas continuar vivo.

Ao refletir sobre as palavras de Pandora chega-se a conclusão que o sentimento da humanidade, interpretado por Brás Cubas, não é viver pela vontade extrapessoal, mas pela vaidade e egoísmo em se manter vivo.

Em seguida, a imensa figura rebate sua súplica ao dizer que não necessita mais de sua vida. Observe a intencionalidade de suas palavras no trecho abaixo:

- Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho for tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha. (MACHADO, 2004, p.25).

Neste trecho é possível visualizar mais uma vez o sentido da vida ao fazer uma relação com o tempo, pois não importa o minuto que vem e que vai e sim o tempo que ainda vive e persiste. O homem, tal qual o animal, demarca seu território de domínio e, em grupo ou bando, segue um líder, geralmente o mais forte. A força está relacionada ao poder e, conseqüentemente, a um modelo de sucesso social e o poder cria regalias mesmo entre os animais. Dessa forma, Pandora se refere ao estatuto universal como a lei do mais forte.

Em seguida o personagem é arrebatado até o alto de uma montanha para que possa contemplar uma redução dos séculos.

Este pode ser considerado o momento crucial, o clímax do capítulo. O defunto-autor ao contemplar uma redução dos séculos realiza algumas reflexões em que a condição humana vira a protagonista da cena. Logo inicia um diálogo com o leitor:

Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. (MACHADO, 2004, p.26)

O espetáculo que corre diante dos olhos de Brás nada mais é do que o espetáculo da vida. O desfilar dos séculos apenas comprova que a história da humanidade trata-se de um círculo onde o homem comete os mesmos erros em busca de um bem estar pessoal. O destino humano é sempre o mesmo.

A mudança rápida dos séculos e as transformações das sociedades e suas tecnologias avançam com a mesma rapidez das angústias humanas.

A maioria dos problemas do homem moderno, assim como do passado, gira em torno das mesmas variáveis: o usufruto do poder, do *status*, da ganância, da aceitação, do reconhecimento, a relação e expectativa sobre os outros e também em sua busca de atender as cobranças alheias.

Esse pensamento é retratado no trecho que segue:

Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, - flagelos e delícias, - desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. (MACHADO, 2004, p.26)

As verdades são reveladas a partir da desconstrução da realidade e Brás Cubas começa a sentir o gosto amargo da existência. Observa que as atitudes humanas massacram a vida e o homem está sempre condicionado a sua própria natureza: a miséria. Pois esse foi o destino que se escolheu e não há como transformar ou modificar sua natureza, pois as várias formas de um mal “ora mordida

as víceras, ora mordida o pensamento” (MACHADO, 2004, p.26). sempre ao redor da espécie humana.

Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, _ nada menos que a quimera da felicidade, _ ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão. (MACHADO, 2004, p.26)

O narrador-personagem observa a busca incessante pela felicidade que leva o ser humano a tomar atitudes impensadas e condicionadas pela ambição. Não é a morte que representa o sofrimento e sim a vida. Mesmo flagelado, experimentando o pão da dor e o vinho da miséria o homem ainda deseja viver.

Após presenciar essas cenas Brás solta um grito de angustia, pois, enfim, sente sua expectativa de definição da vida ser frustrada diante dos séculos que ali passavam e Pandora, indiferente e superior, apenas observa o idiotismo do riso do narrador.

- Tens razão, disse eu, a coisa é divertida e vale a pena, - talvez monótona – mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me. (MACHADO, 2004, p.26-27)

Ao observar que a vida é um círculo sem fim, Brás finalmente concorda com Pandora e pede a ela para ser devorado, ou seja, consente que sua vida possa ser levada naquele instante, afinal de que adianta permanecer num mundo onde o sentido da vida é a dor, a ilusão, a melancolia, a miséria, a fome, a inveja, uns devorando aos outros.

Para confirmar sua decepção cita uma passagem bíblica onde Jó, homem muito rico e íntegro, foi compelido a miséria, solidão e doenças para provar sua fé em Deus. Após passar por várias provações provocadas por Satanás, Jó recebe de Deus tudo o que perdeu, em dobro. Entretanto, Cubas supõe que Jó quando amaldiçoa sua vida é porque estava na mesma situação e descobre, assim como Brás, que a experiência de viver não tem sentido.

Pandora responde a observação do narrador compelindo-o a olhar para baixo e continuar a ver os séculos passando “velozes e turbulentos, as gerações que se

superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos do Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura” (MACHADO, 2004, p.27). O espetáculo da vida, a história do mundo, atravessando impetuosamente diante de Brás Cubas. As cenas observadas transferem às palavras de Pandora maior força e credibilidade e só agora, durante um delírio, Brás é capaz de refletir sobre sua vida. Logo, sente uma vontade de fugir, porém algo o prendia ali. Então, decide aproveitar as passagens dos séculos imaginando ser contemplado com a visão do último século, que em sua mente lhe traria a “decifração da eternidade”. Mesmo presenciando uma apresentação de calamidades, o personagem ainda mantém seu pensamento egocentrista.

E assim os séculos vão passando:

Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, faziam-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. (MACHADO, 2004, p. 27)

Assim como Nietzsche, o narrador revela uma visão pessimista do mundo, “o eterno retorno do mesmo”. A existência da humanidade é reduzida a um espetáculo. Uma descrição cheia de paradoxos que nos mostra os dois lados da face e conseqüentemente aniquila a esperança. Através dessa visão de Brás Cubas pode-se afirmar que a esperança não se trata de um bem e sim um mal, talvez o pior dos males, pois esperar que a vida melhore porque há esperança no mundo não é necessariamente o melhor caminho para percorrer em busca da felicidade. Afinal, como diz o ditado popular: quem espera nunca alcança.

Os séculos, a história do homem e da Terra, passam em segundos diante de Brás e este fica aturdido com as imagens. Eis a vida que segue, rápida, cheia de sentimentos, e o homem que vive sem notar o quanto viver pode ser passageiro. O narrador descreve com exatidão a insignificância dos homens, a futilidade, os

resultados de ações egoístas e ambiciosas e, principalmente, a busca incessante da felicidade. A felicidade que machuca, que ri, que destrói, que mata.

E por que Pandora foi a escolhida para protagonizar esse delírio e expor todas as mazelas da humanidade? Somente uma geradora da vida e da morte teria a confiança para mostrar o resultado das ações humanas e exteriorizar uma visão niilista de mundo. O termo niilismo é retratado através do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* como “redução ao nada; aniquilamento; não existência”, “ponto de vista que considera que as crenças e os valores tradicionais são infundados e que não há qualquer sentido ou utilidade na existência”. Através da visão de Nietzsche, o niilismo é:

(...) negação, declínio ou recusa, em curso na história humana e especialmente na modernidade ocidental, de crenças e convicções – com seus respectivos valores morais, estéticos ou políticos – que ofereçam um sentido consistente e positivo para a experiência da vida. (HOUAISS, 2004, p.2018).

É por meio do tema Nietzscheano do niilismo que Brás Cubas transpassa toda a falta de desejo pela vida, fato que provoca a inexistência de convicções, crenças fundamentais e valorizações éticas.

Ora, precisamente a maioria dos homens suporta a vida sem resmungar demais, e com isso acredita no valor da existência, mas precisamente porque cada qual só quer e afirma a si mesmo, e não sai de si como aquelas exceções: todo extrapessoal, para eles, ou não é perceptível ou o é, no máximo, como uma fraca sombra. Portanto, somente nisto repousa o valor da vida para o homem comum, cotidiano: ele se dá mais importância do que ao mundo. (NIETZSCHE, 1983, p.96-97).

O niilismo observado no capítulo expõe uma sociedade onde há um desenvolvimento histórico sem saída sistematizando o eterno ciclo de retorno ao mesmo.

E os séculos continuavam o desfilar e Brás Cubas permanecia ansioso pelas passagens até chegar o último para, enfim, ter a explicação da eternidade. Assim, os séculos vão percorrendo cada vez mais e mais rápidos que o narrador mal consegue interpretá-los. Quando imagina que verá o último e derradeiro período, um nevoeiro surge e cobre toda sua visão. Em sua frente, resta-lhe apenas o hipopótamo que o transportara até ali. Tratando-se de um delírio o animal que antes era enorme,

robusto e onipotente diminuiu até chegar a forma de um gato. O gato Sultão de Brás Cubas.

Dessa forma termina o capítulo e, conseqüentemente, seu delírio. Por ironia do destino o delírio termina justamente no momento que Brás Cubas veria o último século, concretizando mais uma vez seu fracasso e sua vida de negativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de Machado de Assis são permeadas por críticas, ironias e sarcasmos sempre relacionados com a atitude humana e seu egocentrismo. Aliás, é este o precursor das mais variadas mazelas presentes no decorrer da história da humanidade.

Através da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis inova em sua estrutura narrativa e surpreende ao apresentar aos leitores um defunto-autor sem escrúpulos, abusado, intrometido e disposto a rir das relações humanas, do sistema político e filosófico da época.

No capítulo intitulado “O delírio” Machado abusa da falta de responsabilidade com a verdade através do defunto-autor Brás Cubas, isentando-se da culpa. Dessa forma o narrador-personagem exhibe ao leitor a realidade da sociedade da qual faz parte e vai além ao expor a história da humanidade. Todas as críticas, ironias e risos sarcásticos se fazem em torno da condição humana e para dar credibilidade em seu delírio, surge o ser mitológico: Pandora. Essa figura geradora da vida e da morte, mãe e inimiga, surge para legitimar a visão pessimista de mundo, ou seja, o niilismo existencial perante a vida, e prova, através do desfile dos séculos, que o homem não tem salvação, pois vive em círculos, em erros infundáveis para encontrar uma quimera de felicidade.

A passagem dos séculos serve para mostrar que a busca da felicidade opera contra a humanidade, pois o homem na esperança de ser feliz ultrapassa os limites da convivência harmônica, do respeito entre os seres, do bem comum, e toma atitudes visando um êxito pessoal. Sendo assim, a esperança surge apenas para aniquilar a existência humana que está fadada ao sofrimento. Pandora revela que viver é sofrer e a morte é a libertação.

Através do delírio Machado consegue expressar uma síntese de sua visão de mundo, principalmente, os valores da sociedade da qual fez parte. Apresenta um defunto-autor para narrar uma história de vida atrelada a futilidade, alguém que passa a vida em busca do reconhecimento, não para si, mas pela ambição, pelo renome perante a coletividade.

Quando o narrador imagina que irá contemplar a “decifração da eternidade” seu delírio é interrompido para lhe mostrar que só levará dessa vida o resultado equivalente de suas ações.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tomo I: Questões 1-43. São Paulo: Loyola, 2001.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ASSIS, Machado de. **Obra completa**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 2006.
- BRANDÃO, Octávio. **O niilista Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ed. Org. Simões, 1958.
- CÂNDIDO, Antonio. **Esquema do mito de Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CHALITA, Gabriel. **Vivendo a filosofia**. 2004, p.26. Disponível em <http://www.sca.org.br/artigos/Prometeu.pdf>, acesso em 20 março 2014, 20h15m.
- CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e tradução de J.A.A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- HOUAISS, Antônio e Villar. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. A sólida felicidade estoica para uma modernidade líquida. In. **Revista FILOSOFIA ciência e vida**. ANO II, N.23, 2008, páginas 17-23.
- METZGER, Bruce M. & COOGAN, Michael D. **Dicionário da Bíblia, vol. 1: As pessoas e os lugares**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. Humano, demasiado humano. In: NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras incompletas**. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PADOFSKY, Dora e Erwin. **A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PATRÍCIA, Pereira. A origem da frustração. In. **Revista FILOSOFIA ciência e vida**. ANO II, N.23, 2008, páginas 67-73.

SCHWARTZ, Jorge. (Org.). **Murilo Rubião**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VOLOBUEF, Karin. Uma Leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka). In. **Revista Letras**, Curitiba, n. 53, p. 109 - 123, jun. 2000.